

# Notas sobre a historiografia das Guianas, uma região caribenha e amazônica

Lodewijk Hulsman<sup>1</sup>

## 1. Introdução

Os primeiros mapas detalhados da região chamada Guiana surgiram no final do século XVI. Estes mapas representavam Guiana como uma ilha enorme delimitada pelo Atlântico, pelos rios Orinoco e Amazonas. O inglês Walter Raleigh foi um dos primeiros a despertar o interesse europeu por esta região quando publicou o livro *The Discoverie*, o qual mostrava que o mítico El Dorado estava situado nas Guianas. Raleigh apontou que a costa entre os rios Orinoco e Amazonas estava sem assentamentos ibéricos e assim havia uma oportunidade para que

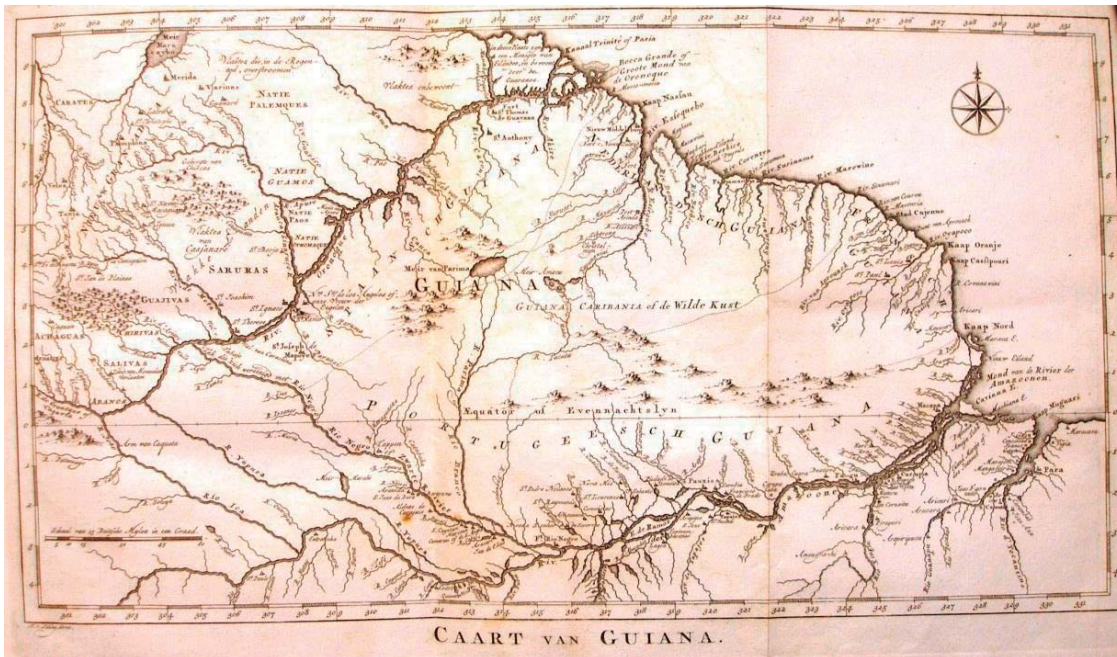
os europeus do norte criassem colônias na terra firme da América. Raleigh escreveu que os povos indígenas locais procuravam aliados para resistir à expansão dos espanhóis que naquele tempo estavam em guerra com Inglaterra.<sup>2</sup>

Assim começou o desenvolvimento que criou um espaço singular nas terras altas da América Latina. A região das Guianas hoje é compartilhada por cinco países, cada um com sua língua própria, sendo a única no espaço latino onde línguas norte europeias se estabeleceram como língua nacional.<sup>3</sup> As Guianas

---

1. Lodewijk Hulsman é pesquisador da Universidade de Amsterdam (UVA) e do NUPEPA/UFRR. O autor agradece a revisão da professora Maria Odileiz Cruz. Qualquer erro no texto é resultado de anotações posteriores do articulista.

2. Os ingleses e holandeses acabaram de destruir em 1588 uma enorme armada, enviada pelo rei Felipe II da Espanha, para submeter Inglaterra e os Países Baixos. Tropas inglesas apoiavam desde 1585 os protestantes rebeldes nos Países Baixos nas suas lutas contra o rei da Espanha.



*Mapa da Guiana du P. du Val.*

também se destacam pela orientação ao mundo Caribe, pois, as repúblicas da Guyana e do Suriname, assim como a Guiana Francesa se consideram em efeito, muito mais como países caribenhos do que países na terra firme da América Latina.

## 2. História

Esta orientação tem sua base na formação histórica da região que já começa no período pré histórico, quando os povos caribe da costa das Guianas mantiveram contatos regulares com as ilhas no mar Caribe. Os europeus do norte, por exemplo, os ingleses, franceses e holandeses

iniciaram suas incursões seguindo as trilhas dos povos indígenas. Depois de estabelecer feitorias na costa da Guiana no período 1600-1625 continuaram a fundar colônias nas Antilhas menores, no período 1625-1650, como no St Kitts, Barbados, Tobago, Martinique, Guadeloupe, dentre outras.

Estas colônias nas ilhas caribenhas floresceram, enquanto as tentativas de fundar colônias maiores na costa, - por exemplo no rio Oiapoque, na ilha de Cayenne e no rio Suriname - fracassaram no período 1600-1650, em parte devido à resistência dos povos indígenas que permitiam feitorias

---

3. As línguas são inglês na República Cooperativa da Guyana (doravante chamada de Guyana), holandês na República do Suriname (doravante chamada de Suriname), o espanhol na Venezuela, o francês na Guiana Francesa e o português no Brasil.

mas recusavam colônias. Apenas as pequenas feitorias holandesas nos rios Berbice e Essequibo e a feitoria francesa no rio Sinnamary conseguiram manter-se. A costa das Guianas conheceu assim um desenvolvimento diferente do resto da América Latina visto franceses, ingleses e holandeses já terem estabelecido relações comerciais com a população indígena antes mesmo do surgimento de colônias.

Os portugueses, por sua vez, chegaram em 1616 na foz do rio Amazonas depois dos europeus do norte. Estes foram expulsos e os portugueses conseguiram estabelecer domínio em nome da coroa de Felipe II, rei de Portugal, conhecido na Espanha como Felipe III. A Amazônia era parte do domínio Espanhol pelo tratado de Tordesilhas, mas a união pessoal possibilitou esta ação dos portugueses. Felipe II resolveu organizar a conquista no Norte da América Latina num estado diferente do Brasil e estabeleceu em 1621 o Estado do Maranhão e Grão Pará. A cidade de São Luís foi indicada como centro administrativo da nova colônia. A subsequente expansão do domínio português foi rápida e em 1637 Pedro Texeira subiu o rio Amazonas até o Peru, colocando assim a base para o futuro império brasileiro na Amazônia.

À época as Guianas ficaram relativamente intocadas, apesar de Bento Maciel Parente ter recebido

o Cabo do Norte como Capitania hereditária em 1637, a região caiu fora do domínio português. Cria-se dessa forma um contexto propício a uma invasão francesa no final do século XVII para chamar a atenção do governo de Portugal, que desde a restauração de 1640 tinha se separado da Espanha. Isso porque a expansão portuguesa se concentrou inicialmente na banda sul do rio Amazonas. A expansão para a banda do norte só começou no século XVIII, por exemplo, com a penetração na bacia do Rio Branco, colocando os portugueses em contato com o fluxo de comerciantes holandeses do Essequibo, Berbice e Suriname.

As feitorias holandesas do Essequibo e Berbice comerciavam com povos indígenas desde o início do século XVI principalmente urucu e redes. Depois de serem expulsos do nordeste do Brasil em 1654, holandeses e judeus tentaram novas colônias no Pomerom e na ilha de Cayenne. Estas colônias tinham como objetivo produzir açúcar conforme o modelo desenvolvido no Brasil. A Companhia das Índias Ocidentais (WIC), tendo esgotado seu capital na fracassada empresa no Brasil, limitou-se a venda de escravos africanos e deixou o desenvolvimento das colônias para companhias privadas. O sucesso destas colônias ficou limitado, em parte pelas guerras com Inglaterra e França que começaram depois do tratado de paz entre

Espanha e a Holanda em 1648.

Estas guerras resultaram na conquista da colônia holandesa da Cayenne e a destruição da colônia no rio Pomeroon. Em compensação, a Holanda ganhou em 1667 a colônia do Suriname fundada em 1650 por ingleses vindos da ilha de Barbados. O Suriname tinha se desenvolvido rapidamente como o maior complexo açucareiro na costa. Assim as Guianas

eram compartilhadas no início do século XVIII por Portugal, Espanha, França e Holanda.

Na costa havia uma forte presença de africanos, a maioria deles escravizada e uma minoria vivendo livre em quilombos, contrastando com as Guianas portuguesas e espanholas onde a escravidão indígena era o padrão dominante. As colônias holandesas e francesas na costa dependeram



Mapa da divisão política da Guiana no século XVIII

principalmente do trabalho escravo de africanos, apesar de ter também escravos indígenas trabalhando, especialmente nas colônias do Essequibo e Berbice.

As colônias na costa da Guiana operavam no século XVIII atreladas às redes comerciais das grandes economias inglesas e francesas nas ilhas Caribes como Haiti e Jamaica. Não é de se admirar que o olhar dos habitantes destas colônias dirigia-se cada vez mais para o mar do Caribe. Este processo era estimulado no Suriname pelo desenvolvimento de um cordão de quilombos dos marrons<sup>4</sup>, que separou a costa do interior.

Apesar disso, as colônias holandesas mantiveram contato com o interior através de comerciantes itinerantes, chamados de bokkenruilders, que viajam pela velha rota do Rio Essequibo para o Rio Branco, onde trocavam manufaturados europeus por mercadorias como redes e urucu e também por escravos indígenas. Na costa teve contatos comerciais dos holandeses com as colônias espanholas no Orinoco onde se comprava produtos como óleo de copaíba em troca de manufaturados europeus. Os holandeses e franceses mantiveram também relações comerciais com os portugueses no Pará.

A independência dos Estados Unidos na América do Norte in-

centivou os ingleses a ocupar as colônias holandesas na costa de Guiana quando a Holanda se aliava com a França nas guerras Napoleônicas. A Inglaterra devolveu a colônia de Suriname, mas manteve seu domínio nas colônias do Berbice, Essequibo e Demerara depois do congresso de Viena em 1814, criando assim a Guyana Inglesa, que desenvolveu-se na presente república da Guyana.

Este quadro complicou-se ainda mais quando a abolição da escravidão no início do século XIX gerou novos fluxos migratórios da Ásia para América Latina visto a chegada de trabalhadores Indianos, Javaneses e Chineses nas colônias guianenses da Inglaterra e Holanda, criando assim um universo linguístico de alta complexidade. Com a abolição da escravidão acabou-se também o complexo açucareiro que já estava sofrendo pelos efeitos da descoberta do açúcar de beterraba europeia no século XIX. A decadência da cultura da cana incentivou a mineração do ouro e a exploração da balata na segunda metade do século XIX, assim despertando de novo o interesse para o interior das colônias costeiras.

A independência do Brasil em 1822 gerou um processo onde a delimitação das fronteiras virou uma preocupação nacional. As fron-

---

4. O termo Marron indica os africanos que conseguiram fugir da escravidão e que estabeleceram povoados no mato do Suriname. Na historiografia do Brasil este tipo de povoado frequentemente está indicado com a palavra quilombo.

teiras no Norte com França e Inglaterra causaram litígios prolongados, que parcialmente foram resolvidos por arbitragem de poderes europeus, como o rei da Itália no caso do conflito sobre a fronteira do Rupununi e o Governo Suíço no caso do conflito sobre a fronteira com Guiana Francesa que, apesar da arbitragem, continuou sendo disputado.

A demarcação das fronteiras do Brasil nas Guianas só foi terminada na década 1930, pouco antes da II Guerra Mundial. As relações entre Brasil e seus vizinhos no norte no período pós-guerra foram em geral pacíficas, salve um episódio nos anos 1960, no governo de Jânio Quadros, quando um plano

brasileiro para a conquista militar das Guianas inglesas, holandesas e francesas foi desenvolvido, embora nunca tenha sido aplicado.

A independência da Guiana Inglesa foi declarada em 1966. O Brasil e Guiana depois desenvolveram relações diplomáticas de amizade e os dois países procuram até hoje intensificar a cooperação econômica, entre outros para um melhoramento da velha rota do rio branco através do rio essequibo para o Atlântico. Ao contrário da relação entre Venezuela e Guiana, que continua problemática pela reclamação venezuelana do território da Guiana oeste do rio essequibo. A independência do Suriname em 1975 acon-



Mapa da demarcação da fronteira do Brasil com Suriname de 1939, mostrando as trijunções que continuam disputadas.

teceu sem alterações nas relações amigáveis com Brasil, por outro lado, conflitos sobre as fronteiras com a República da Guiana e Guiana Francesa continuam até o presente.

### 3. Historiografias nacionais

O desenvolvimento histórico das Guianas continua em grande parte desconhecido. Isso ocorre em função de as historiografias nacionais dos cinco países que compartilham a região serem limitadas e fragmentadas pelos motivos que serão explorados, de forma sucinta, a seguir, separadamente por cada um dos países que compartilham a grande ilha da Guiana.

A historiografia da Guiana brasileira desafortunadamente faz parte dos temas pouco estudados. Durante muito tempo, o assunto ficou dominado pelo discurso acerca da integridade do território nacional. Por exemplo, considera-se como parte desse discurso o desrespeito ao tratado de Tordesilhas como um ato corajoso, todavia, já as ações dos franceses, ingleses e holandeses para com a mesma área fora considerada como uma intrusão ilegítima neste discurso brasileiro. Enquanto existe uma rica literatura sobre os holandeses em Pernambuco e franceses no Maranhão, poucas pesquisas foram dirigidas para o extremo norte do Brasil. A situação periférica da Guiana brasileira pode ser ilustrada a partir dos estados do Amapá e Roraima os quais transformaram-se em esta-

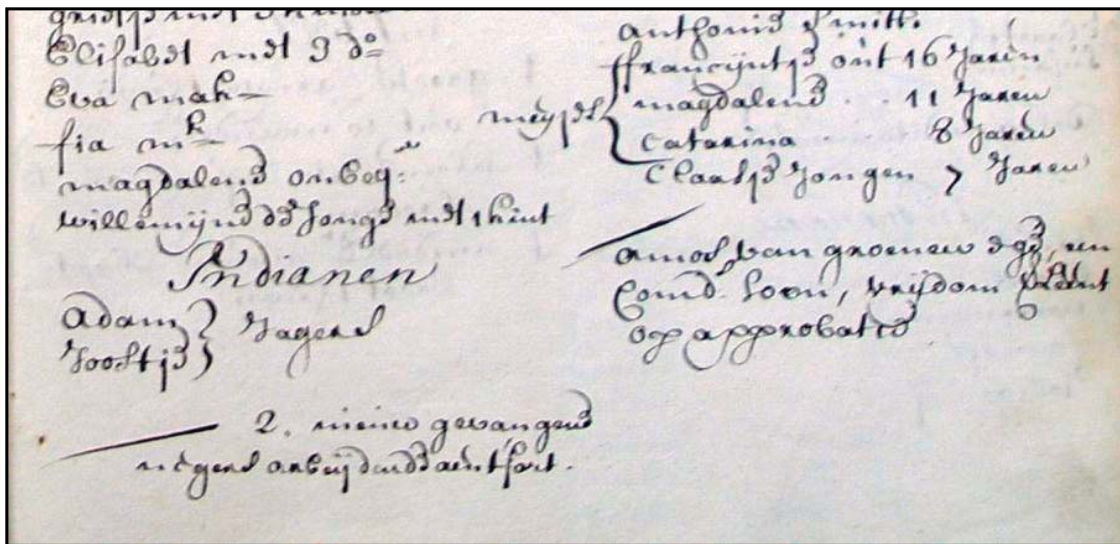
dos só no final do século XX e, conseqüentemente não dispuseram de instrumentos como arquivos estaduais onde as fontes para uma historiografia são requeridas. A UFRR é uma das poucas instituições dentro das Guianas com núcleos de pesquisa dirigidos para o estudo da compreensão do contexto regional mais amplo.

A historiografia Venezuelana da região da Guiana também ficou dominada pelo discurso da integridade do território nacional, argumentando a legitimidade da reclamação da quase a metade do território da atual República da Guiana. A historiografia europeia das Guianas começou realmente na Venezuela pois as primeiras fontes sobre a história da Guiana encontram-se nos arquivos espanhóis que documentaram a busca do El Dorado partindo da Venezuela e Colômbia no século XVI. As empresas que se empenharam na busca do El Dorado levaram ao apontamento de Antonio de Berrio como governador da Guiana no final do século XVI. O discurso nacionalista preveniu o desenvolvimento de uma historiografia integralista no contexto maior das Guianas, apesar da cooperação venezolana dentro de plataformas para a conservação da Amazônia.

O interesse francês na Guiana sempre se atrelou ao contexto maior de Amazônia. A viagem pelo rio Amazonas de Condamine no início do século XVIII foi seguida por muitas outras, tendo a França recla-

mado à época de Napoleão uma área indo do Amapá até Roraima. Apesar disso, se deve notar que a história

guística. A língua inglesa obliterou a língua holandesa e os historiadores guianenses de hoje não têm acesso



Lista de escravos indígenas em Essequibo, com a notificação que Amos, filho do Commandante Groenwegen, era alforriado.

da Guiana Francesa forma um componente muito pequeno dentro da historiografia total da França. Esse efeito é reforçado pela estrutura governamental onde a Guiana Francesa está integrada com as ilhas francesas no Caribe com Guadeloupe como centro regional. Além disso, a língua francesa parece ter contribuído para reduzir esta história aos agentes franceses, criando uma imagem que parece isolada no contexto maior das Guianas. Os conflitos sobre as fronteiras com Brasil e Suriname contribuíram para uma leitura nacionalista. Recentemente reviveu-se o interesse histórico especialmente com as temáticas escravidão africana, cana-cultura e sociedades indígenas.

A historiografia da Guiana está dificultada pela barreira lin-

às fontes escritas em holandês. A historiografia do período antes de 1800 se baseia em grande parte nas fontes holandesas que foram entregues aos ingleses depois de 1814 e depositadas no Arquivo de Kew na Inglaterra. Parte destas fontes tem sido traduzida para servir aos litígios sobre as fronteiras da Guiana com Venezuela e Brasil. O interesse da parte de historiadores holandeses foi pouco e o trabalho de Netscher de 1888 continua sendo uma das publicações mais citadas. A historiografia da Guiana então concentra-se especialmente no período posterior a 1800 e a escravidão africana é uma dos temáticas mais importantes.

Os historiadores suriname- ses, frente aos demais profissionais, têm a vantagem do domínio do holandês, e conseqüentemente acesso



ao rico acervo das fontes holandesas. Contudo, eles sofrem da mesma limitação, isto é, adotam uma leitura reducionista permeada pelas fronteiras geopolíticas que foram posteriormente construídas. Paramaribo funcionava nos séculos XVII-XVIII como centro para toda a Guiana holandesa, e além disso manteve relações com a Guiana francesa. Ademais, a historiografia do Suriname toma como enfoque exclusivamente a costa, revelando muito pouco interesse pelo estudo do interior. Vale apontar que a independência do Suriname em 1975 resultou em um processo migratório de um terço da população para Holanda e a relação histórica com este país domina o discurso histórico onde os temas principais são escravidão africana e os marrons que desde o século XVII conseguiram construir uma cultura independente nos quilombos.

#### 4. Conclusão

Atualmente, o crescente estandarte da consciência da importância da conservação ambiental junto às Guianas, ao lado de revelar uma extrema riqueza de variação botânica e biológica e por ser um dos mais importantes redutos de culturas indígenas da Amazônia, maneja o pensamento para essa região dentro de um contexto mais

amplo. A participação da maioria dos países compartilhando as Guianas na *Amazon Cooperation Treaty Organization* é um exemplo. Paradoxalmente, o desenvolvimento da historiografia regional infelizmente pouco acompanhou as iniciativas internacionais de cooperação.

A despeito das lacunas supracitadas em torno da historiografia das Guianas, coloca-se abaixo alguns indicadores para que os acadêmicos nas Guianas possam se orientar quanto à variedade de instituições, em lugares diferentes, de modo a conduzirem suas pesquisas sobre a história regional da região. Os acervos principais são as coleções de documentos históricos criados nos séculos XIX e XX para os litígios sobre as fronteiras. Estes acervos continuam sendo de acesso difícil para a maioria dos acadêmicos que moram na Guiana. Felizmente há uma tendência por parte dos arquivos e bibliotecas nacionais no século XXI de publicar documentos históricos digitalizados nos *websites* destas instituições a exemplo da Biblioteca Nacional do Brasil, *Bibliothèque Nationale de France*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Portugal, *Archivo General de Indias de Espanha*, *National Archives da Inglaterra* e *Nationaal Archief da Holanda*.<sup>5</sup>

No entanto, estes acervos

---

5 Os links: Biblioteca Nacional do Brasil: <http://bndigital.bn.br/>; Bibliothèque Nationale de France: <http://gallica.bnf.fr/>; Arquivo Nacional da Torre do Tombo: <http://antt.dgarq.gov.pt/>; Archivo General de Indias: <http://www.mcu.es/archivos/MC/AGI/index.html>; The National Archives (UK): <http://www.nationalarchives.gov.uk/records/our-online-records.htm>; Nationaal Archief (NL): [www.gahetna.nl](http://www.gahetna.nl).

digitais trazem o desafio para os acadêmicos visto o acesso ser monitorado por línguas diferentes. Enquanto as fontes em língua espanhola e portuguesa são acessíveis para brasileiros e venezuelanos, as mesmas são muito mais difíceis para os guianenses, franceses ou surinameses quando buscam acessar as informações. Esse contexto se aplica também aos sites em francês, inglês e holandês que são de acesso difícil para falantes latinos. O grande desafio para os acadêmicos neste século XXI será o de superar estas barreiras para criar uma historiografia regional que acompanha as iniciativas internacionais de cooperação.

## Referências

VERSTEEG, AAD H. Suriname voor Columbus, Paramaribo, 2003.

BOOMERT, ARIE. Trinidad, Tobago and the Lower Orinoco Interaction Sphere: an archaeological/ethno-historical study, PhD study, Leiden, 2000.

